

O corpo da criança¹

Mónica M. Palacio

Tradução de Leonardo Coutinho Rodrigues

Revisão de Maria Claudia Formigoni e Ingrid Figueiredo

Resumo

O texto, que originalmente foi uma conferência, aborda a relevância do trabalho em rede para a transmissão da psicanálise, destacando os esforços da Red Hispanohablante de Psicoanálisis com Niños y Adolescentes (Rhipna) nesse sentido. A ênfase é colocada na necessidade de abordar as especificidades da psicanálise com crianças, particularmente naquilo que em várias ocasiões se presta a confusão, inclusive em meios psicanalíticos lacanianos, entre o sujeito e o indivíduo. Coloca-se a questão da noção de “criança” e se examina a relação entre o corpo e a linguagem em psicanálise, destacando a introdução feita por Lacan do conceito de “ser falante”. Exploram-se as ideias de marca e erotização em relação ao corpo da criança, assim como as implicações clínicas da intervenção farmacológica nos corpos de crianças e jovens. O texto conclui destacando a importância de abordar o corpo desde a singularidade do ser falante para compreender e tratar os sintomas no contexto da psicanálise.

Palavras-chave:

Psicanálise laciana; Corpo da criança; Erotização;
Marca; Ser falante; Língua; Clínica; Tratamento.

The child's body

Abstract

The text, which was originally a conference, addresses the relevance of working in network for the transmission of psychoanalysis, highlighting the efforts of Spanish-Speaking Network of Psychoanalysis with Children and Adolescents (RHIPNA) in this regard. We stress the need to address the specificities of psychoanalysis with children, particularly that, which on several occasions, lends itself to confusion, including in the Lacanian psychoanalytic circles: the subject and the individual. The question about the notion of “child” is raised and

¹ Apresentado na Rede de Pesquisa Psicanálise e Infância do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, em 12 de setembro de 2022.

the relationship between the body and language in psychoanalysis is examined, highlighting Lacan's introduction of the concept of "speaking being". The ideas of mark and eroticization in relation to the child's body are explored, as well as the clinical implications of pharmacological intervention on the bodies of children and young people. The text concludes by stressing the importance of approaching the body from the speaking being's singularity to understand and treat symptoms in the context of psychoanalysis.

Keywords:

Lacanian psychoanalysis; Child's body; Eroticization;
Mark; Speaking being; Lalangue; Clinical Treatment.

El cuerpo del niño

Resumen

El texto, que se pronuncia inicialmente como una conferencia, aborda la relevancia del trabajo en red para la transmisión del psicoanálisis, destacando los esfuerzos de Red Hispanohablante de Psicoanálisis con Niños y Adolescentes (RHIPNA) en este sentido. Se hace hincapié en la necesidad de abordar las especificidades del psicoanálisis con niños, particularmente lo que en ocasiones se presta a confusión, aún en medios psicoanalíticos lacanianos, entre el sujeto y la persona. Se plantea la cuestión de la noción de "niño" y se examina la relación entre el cuerpo y el lenguaje en el psicoanálisis, destacando la introducción de Lacan del concepto de "parlêtre". Se exploran las ideas de marca y erotización en relación con el cuerpo del niño, así como las implicaciones clínicas de la intervención farmacológica en los cuerpos de niños y jóvenes. El texto concluye señalando la importancia de abordar el cuerpo desde la singularidad del parlêtre para comprender y tratar los síntomas en el contexto del psicoanálisis.

Palabras clave:

Psicoanálisis lacaniana; Cuerpo del niño; Erotización;
Marca; Parlêtre; Lalangue; Clínica; Tratamiento.

Le corps de l'enfant

Résumé

Le texte, qui se présente d'abord comme une conférence, aborde la pertinence du travail en réseau pour la transmission de la psychanalyse, en soulignant les

efforts de Réseau hispanophone de psychanalyse avec les enfants et les adolescents (RHIPNA) à cet égard. L'accent est mis sur la nécessité d'aborder les spécificités de la psychanalyse avec les enfants, notamment ce qui prête parfois à confusion, même dans les milieux psychanalytiques lacaniens, entre le sujet et la personne. La question de la notion d'enfant" est posée et le rapport entre le corps et le langage dans la psychanalyse est examiné, en soulignant l'introduction par Lacan du concept de "parlêtre". Les idées de marque et d'érotisme sont explorées en relation avec le corps de l'enfant, ainsi que les implications cliniques de l'intervention pharmacologique sur le corps des enfants et des jeunes. Le texte se termine en soulignant l'importance d'aborder le corps à partir de la singularité du parlêtre pour comprendre et traiter les symptômes dans le contexte de la psychanalyse.

Mots-clés :

Psychanalyse lacanienne ; Corps de l'enfant ; Erotisation ;
Marque ; Parlêtre ; Lalangue ; Clinique ; Traitement.

De todas as aplicações da psicanálise, nenhuma gerou tanto interesse, despertou tantas esperanças e, em consequência, atraiu tantos colaboradores capazes como o seu emprego na teoria e na prática da educação de crianças. Isso é fácil de compreender. A criança se tornou o principal objeto da pesquisa psicanalítica... A psicanálise mostrou que no enfermo a criança continua a viver, pouco alterada, e também no artista e na pessoa que sonha; lançou luz sobre as forças motrizes e as tendências que dão ao pequeno ser o seu cunho próprio. (Freud, 1925/2011a, p. 347)

Tudo começa em um quarto iluminado por uma lamparina, com alguém que nos conta uma história. Ou ainda antes com uma voz que nos acalenta quando ainda não temos palavras. Diferentemente dos outros mamíferos, a história da espécie humana parece corroborar aquela velha frase: "no começo era o verbo". Nos marcam com um nome, entra a infinidade de nomes, ao qual vamos dando cara, lentamente, e nos entregam alguns sobrenomes que amarram o passado e o presente e que legaremos ao futuro.

Por ser parte de uma saga escrita com palavras, necessitamos ser nutridos não só com leite, mas também com essas envolturas — histórias, contos, poemas — que conseguem reunir os que estão chegando com os que chegaram há tempos e com os que já se foram. (Reyes, 2016, p. 15, tradução nossa)

Constatamos o quão interessante se faz para a transmissão da psicanálise o trabalho em Rede, e o trabalho feito por Rhipna nesse sentido foi intenso. E, nos últimos anos, insistimos nas especificidades do sujeito, pois, particularmente na psicanálise com crianças, em sua transmissão, segue havendo certa confusão entre o que chamamos sujeito e o que chamamos indivíduo. Ao tratar esse tema, vemos que os psicanalistas desde sempre fizeram esforços para definir as particularidades da psicanálise com crianças. Podemos evidenciar nos textos e nos debates que é difícil escapar a um certo modo de psicologia evolutiva psicanalítica. Falando da criança, escutamos várias vezes nomeá-la como sujeito a advir, sujeito ainda não terminado, sujeito em formação, como se, apegados à lógica evolucionista, o sujeito da psicanálise também se apresentasse ao final de certo percurso.

Entro direto nesse ponto citando Colette Soler, que, introduzindo a diferença entre a topologia do sujeito dividido e a tópica do corpo espacializado, diz

(...) este tem idade, o que... não é o caso do sujeito. Os debates que surgiram entre os lacanianos sobre esses pontos em torno da psicanálise com crianças, particularmente com os Lefort, que insistiram em indicar que, não importando qual seja a idade do corpo, não se analisam jovens ou velhos ou pessoas de trinta, mas, sim, sujeitos. Esses debates hoje parecem ser esquecidos, posto que parece que sobre este ponto — inclusive entre nós — retomamos o discurso do capitalismo sobre os tipos de idades. (Soler, 2022, pp. 66-67, tradução nossa)

A divisão das pessoas em idades não é de nossa época. Sabemos que data de Roma. Ali, a criança é descrita como um ser sem razão, inclusive *infans*, sem palavra. E dessa partição dos humanos em grupos etários a ciência se serviu, bem como a política, o direito e, em particular, a psicologia e a educação. Mas os psicanalistas lacanianos, por que seguiríamos fazendo isso ressoar? Parece-me que uma das particularidades da psicanálise com crianças não é propriamente a criança, mas mais propriamente os analistas, que fazem existir a criança para além do sujeito.

Um primeiro ponto para nossa reflexão seria, então, a noção de criança. De que falamos quando falamos de criança, da pessoa ou do indivíduo? Nesse ponto há algo que me parece que insiste porque resiste a ser concebido, e creio que tem a ver com o *parlêtre*. Por isso, o tema do corpo poderia ser um ponto de entrada neste debate que proponho, que é um debate interno à psicanálise, é uma tentativa de esclarecer o que é a psicanálise e qual é a prática que a sustenta.

O corpo em psicanálise

Sabemos que Freud introduz uma ruptura na concepção do humano, uma ruptura com o saber de sua época. E essa novidade é atualizada por Lacan, quem, no interior do movimento, propicia um questionamento, um retorno sobre os conceitos, levar em conta os pontos de tensão, inclusive os de contradição, tanto do texto freudiano como da prática.

Um desses pontos é o ponto evolutivo com o qual Freud, de saída, parece romper, ou tenta romper, ao introduzir a teoria sobre a sexualidade infantil: o que Freud faz é revelar uma dimensão da sexualidade chamada adulta em um momento da vida considerada pré-sexual. Essa descoberta mostra que a criança, antes mesmo da chamada maturação da função sexual, tem uma atividade sexual que atravessa suas atividades básicas, ou primitivas, quando chupa, é o que demonstra Freud.

A criança leva a cabo uma atividade empurrada pela pulsão sexual, e leva a cabo uma atividade que repetirá na relação com o prazer sexual durante toda a vida. O que Freud introduz com isso é a estranheza biológica de uma sexualidade que não é assimilável aos processos biológicos da função animal. Entretanto, o próprio Freud permanece no pensamento continuísta de sua época, ao formalizar essa sexualidade descoberta na criança em processos temporais, da oralidade, da analidade e da genitalidade, ou em momentos: pré-edípico, edípico, latência.

Para Lacan, inscrito na mesma época continuísta, o trabalho consistirá em considerar esses pontos de tensão no interior da psicanálise. Consegue romper com o paradigma evolucionista e inaugura um campo, introduzindo o singular, o campo do gozo. Isso, entretanto, tomou-lhe tempo e bastante trabalho sobre o texto freudiano, sobre os pós-freudianos, sobre seus casos. Trabalho esse que faz nos Seminários 4, 5, 6, 9, que são os seminários nos quais seguimos embasando a clínica com crianças, a noção de família e de sujeito, os complexos de Édipo e de castração etc. Entretanto, e como assinalai, não há um só movimento psicanalítico nem uma só leitura de Freud e de Lacan. E, de acordo com o que acabo de mostrar de maneira muito rápida, o debate continua e é atual. “Psicanalistas, ainda um esforço, para ser do campo lacaniano”, parafraseio Colette Soler para insistir na pergunta sobre a orientação em psicanálise que escolhemos, na qual é necessário passar das hipóteses continuístas e evolucionistas à tese sobre o gozo dos seres falantes. Trata-se de uma tese que Lacan não sustenta em seus primeiros seminários e que é necessário atrever-se a acolher, trabalhar e sustentar para poder escutar de outra maneira aqueles que, com um corpo menor, vêm nos procurar.

A noção de corpo, vimos isso nos últimos anos, divide a comunidade dos analistas. A orientação lacaniana nos impõe não apenas pensar o corpo, mas também situá-lo no centro mesmo da psicanálise como prática e como discurso. Entretanto, é necessário dizer que, se essa noção produz divisão na comunidade analítica, é porque sua concepção não é banal, não é simples e, às vezes, a tornamos óbvia demais.

Destaco três pontos específicos sobre o corpo que, a meu modo de ver, localizam a especificidade da psicanálise:

1) A determinação linguageira do corpo; o que Freud e Lacan fizeram foi colocar em evidência a relação do corpo e da linguagem, que nos permitirá distingui-lo do organismo. Tanto Freud quanto Lacan rompem com a ideia do corpo natural como causa imediata do fato de sermos humanos e introduzem o estatuto de acontecimento de linguagem, o corpo como a marca da linguagem sobre o organismo.

2) O que se refere ao gozo e, mais particularmente, à pulsão, como o eco no corpo do fato de que há um dizer, que se enoda à concepção do sintoma como acontecimento de corpo.

3) A promoção do corpo como consistência imaginária no nó borromeano. Mas isso não indica só que o corpo é imaginário, e, sim, mais precisamente, que o imaginário é o corpo.

Essas três perspectivas desvelam e insistem alternativamente sobre o estatuto simbólico, real e imaginário do corpo, e nos conduzem à noção de *parlêtre* enquanto enoda corpo e sujeito, já que o sujeito de nossa ação não se reduz ao sujeito significante, dado que inclui o corpo gozante.

Sabemos que Lacan, a partir dos anos 1970, dedica-se a mostrar como tudo o que ele avançou sobre o simbólico, a linguagem e o sujeito do inconsciente não são sem o corpo como lugar da voz, da memória, dos efeitos de gozo, dos afetos etc., e, portanto, do que pode fazer sintoma: desprazer, satisfação, sofrimento, dor, fracasso. Se tomarmos a fenomenologia de nossa experiência, poderemos verificar isso. As crianças e os adolescentes são levados à análise, muitas vezes, por algo que não vai bem, uma ruptura, uma compulsão, alguns impulsos indomáveis, uma atitude desafiante, uma insatisfação, um medo absurdo etc., fenômenos que, sob a apresentação da inibição, do sintoma ou da angústia, tornam impossível negar a implicação do corpo em cada uma de suas manifestações. Corpo como lugar que aloja o desconhecido de um gozo, o desconhecido de uma marca e que faz sintoma, que algumas vezes convoca a ser decifrado. É a clínica que nos permite corroborar a hipótese de que o corpo é um efeito no *parlêtre*.

Temos em mente, talvez, as teses de *Radiofonia*, radicais em relação ao corpo: para todo *parlêtre*, o verdadeiro corpo, o primeiro corpo, é o corpo de significantes, o corpo simbólico, ou seja, a linguagem. A linguagem é corpo que dá corpo, diz Lacan, e sabemos que seus jogos de palavras, suas frases curtas sentenciais implicam muito mais. Nesse caso, quer dizer que o corpo humano, em oposição ao organismo, capaz de gozar e apto ao amor e ao desejo, é uma atribuição da linguagem, ou seja, totalmente oposto a um fato natural imediato em decorrência do nascimento.

A psicanálise trata o corpo como um atributo, Lacan (1970/2003) o diz, e é talvez a tese mais radical, “quanto ao corpo, é secundário que ele esteja morto ou

vivo”, o que permite dizer que como sujeitos podemos prescindir dele, como sujeitos do significante estamos separados do corpo. Colette Soler o lê desta maneira:

O sujeito é alguém do qual se fala antes de que possa inclusive falar, o sujeito está efetivamente na palavra antes de ter um corpo, simplesmente antes de nascer e permanece aí ainda depois de não ter corpo, ou seja, depois da morte: a duração do sujeito, ao estar sustentado pelo significante, excede, pois, à temporalidade do corpo. Porque a linguagem permite uma margem temporal, que J. Lacan chama de “a margem para além da vida”, considerado aqui como a vida do corpo vivo, na antecipação do sujeito antes de que nasça seu corpo, e na memória que dele se guarda na sepultura. Podemos dizer, então, que o corpo está separado do sujeito. (Soler, 2006a, p. 117, tradução nossa)

Isso dá margem a toda uma imagética que sustenta a fantasia, e o criador literário, sobre fantasmas, seres sobrenaturais, sobre o fato de que o significante suporta parte do ser prescindindo do corpo. O sintoma dá conta disso também. Basta pensar na melancolia, corpo mortificado do qual o sujeito tenta prescindir, ou dos sujeitos que fazem de seu corpo uma máquina, ou essas pessoas doloridas ou anestesiadas do corpo, do qual se subtraem ou o velam, ou o rechaçam, fenômenos sintomáticos que nos fazem perceber que com o corpo não se convive pacificamente. As históricas de Freud nos ensinaram isso. Hans o ensinou sendo uma criança. Há um gozo que sobrepassa as coordenadas subjetivas, um gozo que deve ser cernido pelo significante, posto que está nele amarrado, mas que irrompe, do corpo, para invadir a vida do sujeito.

Corpo e marca

Tentarei dizer algo sobre a noção de marca a partir de algumas ideias que as epígrafes que escolhi para este trabalho me dão. A de Freud, em 1925, que fala “(d) o selo das forças pulsionais, que fazer com que a criança perdure”.² Freud utiliza o termo “*Das Kind*” (A Criança), com maiúsculas, para falar de algo que permanece no sujeito. Esse *Das Kind* não se limita a assinalar o momento evolutivo de um sujeito, creio que, mais precisamente, Freud alude a algo mais. Sabemos o quanto

2 Na epígrafe, optamos por usar a tradução de Paulo César de Souza, posto que, tratando-se de um trecho longo, teríamos a tradução prejudicada ao fazê-la do espanhol; seria uma tradução da tradução. Mas sabemos que Paulo César de Souza não é um afeiçoado à palavra *pulsão*. Suas traduções de *Trieb* variam, geralmente sendo traduzida por *instinto*. Nesse trecho, corremos o risco de traduzir do espanhol para manter duas marcas, que nos parecem importantes: “forças pulsionais”, no lugar de “forças motrizes”, e “perdura”, com o prefixo “per”, que dá a noção de “através de, acima de, muito”. (N.T.)

foi cuidadoso ao escolher os significantes para a transmissão da psicanálise, creio que podemos afirmar que faz alusão a isso que ele chama de sexualidade, e que seria um ponto de real na estrutura subjetiva que escapa ao simbólico, que não é domesticável, educável. O significante selo que define algo que fica estampado, marcado e, inclusive, escrito de maneira indelével.

Seria possível, por isso, fazer referência ao propriamente humano, à marca da linguagem que nos faz humanos. Talvez daí Lacan extraia a ideia da criança generalizada, aquilo que, da marca da linguagem no sujeito, permanece de maneira indelével no vivente, e que não tem a ver com a idade da pessoa, mas, sim, com a marca humana, marca que não evolui, que não tem etapas, que não responde aos critérios evolucionistas, e sim que perdura no sujeito.

Entendemos também que essa marca da linguagem sobre o corpo é uma inscrição, a partir da qual esse acede a ser suporte da relação do sujeito com ele mesmo — com sua imagem, com seu nome, com seu gozo -, mas também do sujeito com o outro, com os outros. Corpo marcado — marca de pertencimento e marca erótica — que vem a ser a cama do Outro, diz Lacan.

A epígrafe de Yolanda Reyes também é reveladora a esse respeito: “uma voz que nos ata quando ainda não temos palavras. Nos marcam com um nome, entre a infinidade de nomes...”. Ao nascer, a criança é tomada pelos cuidados de outros. Essa criança é nomeada, e seu corpo, para devir humano, já o dissemos, além de nomeado, é erotizado.

Colette Soler (2005, pp. 102-103, tradução nossa) menciona, em *O que Lacan dizia das mulheres*, um pequeno texto satírico de Henry de Montherlant, que descreve uma cena da mãe com seu pequeno: “Grudada nele, como a goule ao cadáver, sua mãe chupa-lhe o pescoço, as orelhas e o cabelo, imita, com seus beijos o barulho de bosta caindo, infecta-o com micróbios bucais, fala de maneira ainda mais boba do que ele, quando este fala.”

Freud fala da criança como boneca erótica da mãe. Basta apenas ler essa citação de Colette Soler para intuir a que estava se referindo. Basta escutar alguns pais para escutar um pouco o que é essa erotização, diante da qual a criança é submissa ou não, mas que tem a função de libidinizar o corpo, ou seja, de passar pelo corpo da criança um desejo, um desejo inclusive sexual, que o toca e o marca.

A manipulação do corpo da criança nos cuidados e na satisfação de suas necessidades introduz ou provoca uma marca, essa de que falamos quando dizemos que é o encontro com a linguagem que humaniza a cria humana. Esse encontro com a linguagem pela via do corpo erotizado faz depósito, o que Freud chama de selo e que Lacan chamará de *lalangue*, noção introduzida para nomear o efeito do significante sobre o vivo que advém corpo marcado, erotizado pela língua. *Lalangue* designa o que, sob a elocubração do saber que é linguagem articulada, cons-

titui o “caldo” do material sonoro que nada tem a ver com a linguística, e implica o gozo que ali se deposita, mas que não implica necessariamente a comunicação com o outro. Colette Soler o lembra:

O Inconsciente lalangue vem da língua materna, mas o que faz objeção ao Inconsciente materno é o corpo de gozo, mais precisamente a coalescência entre os elementos vindos da língua materna e as experiências de gozo — do sujeito, eu agrego — tais como as ilustradas pelo cavalo de Hans, o rato do homem dos ratos e o lobo do homem dos lobos, já que as três ilustram como o gozo do órgão se transfere por elementos da lalangue. (Soler, 2020, p. 269, tradução nossa)

Ainda temos que extrair as consequências dessa noção que permite entender o corpo como substância gozante e falante. O sujeito do inconsciente, falta-a-ser articulado, dito, na cadeia dos significantes não é suficiente para poder ser propriamente aquele que se satisfaz no gozo pulsional.

Lacan coloca em ação o uso de neologismos que devem ser tomados como forçamentos da linguagem para pôr de manifesto os efeitos de *lalíngua*. Assim, introduz, em 1974, o termo *parlêtre* para designar o “ser carnal devastado pelo verbo”. O *parlêtre* reintroduz a dimensão da pulsão no verbo. O corpo da criança, erotizado pelas palavras e gestos, advém corpo, *parlêtre*, *Das Kind*, se mantenho a referência à marca infantil que perdura no humano.

Bem, assim, então, tanto os relatos da literatura quanto os pais também nos ilustram bastante o que é a domesticação do corpo da criança. As mulheres grávidas recebem todo tipo de conselhos sobre essa domesticação, como carregar ou não o bebê, como responder ou não aos gritos e choros na madrugada, “só se deve deixá-lo gritar duas ou três noite para que não acorde mais”, dizem alguns, como segurá-lo na hora do alimento, no banho... enfim, como usar esse corpo nos primeiros dias ou meses da vida é fonte de instruções especializadas, precisamente porque a criança humana está totalmente submissa ao que o outro faça com seu corpo, cria prematura, disse Lacan.

As mães e os cuidadores em geral são aconselhados cada vez mais sobre o que é a introdução, na vida cotidiana das famílias com crianças pequenas, de alguns ritmos, ritmos de tempo, ritmos que introduzem um corte, ritmos que instauram o que chamamos rotinas, mas que não são mais que as formas nas quais o corpo da criança é introduzido na alternância significante... nascimento do sujeito e emergência do corpo como efeito da palavra. É o que dissemos sobre a fabricação do corpo (Soler, 2006b, p. 13, tradução nossa), “é o corpo do simbólico que se incorpora no corpo, que o organismo sustenta...” (Soler, 2006b, p. 14, tradução nossa).

Um dos efeitos do significante sobre o corpo é a mortificação. E os sintomas da criança (de todo sujeito) se referem ao corpo, ao corpo que geralmente não responde. Isso fez com que, em nossa época, o tratamento da criança seja abordado desde as manifestações de seu comportamento e de seu corpo, o que implica ser tratado como objeto da ciência: coerção da reeducação, da reabilitação, padronização de seu comportamento, limitado aos processos neurocognitivos.

Nossa alternativa, se é que o logramos, segue sendo subversiva, pois se trata de abordá-lo em sua singularidade de *parlêtre*. É outra via, às vezes também subversiva para aqueles que a escolhem na contracorrente da época. A nós cabe, então, interrogar nosso lugar nessa concepção última do sintoma da criança pela via do *parlêtre*, criança *parlêtre*, que pode responder pela via simbólica às marcas de gozo.

Para terminar, destaco algo relativo ao momento atual, no qual os corpos das crianças e dos jovens são submetidos às substâncias do mercado farmacológico, corpos adormecidos, corpos aquietados, corpos submetidos a um controle do adulto e que a criança responde a partir do excesso. Vemos também na idade escolar algumas apresentações dos sintomas ligadas à transformação radical do corpo pela via da anorexia, da bulimia, do sobrepeso e, ainda, tudo o que tem a ver com o corpo quebrado, o corpo cortado, o corpo pintado, marcado etc.

Com o corpo, o sujeito responde aos momentos de angústia ligados à irrupção do sexual. A certo desamparo frente às coordenadas simbólicas, já o sabemos, a criança descobre que não há no Outro um significante que dê conta do sexual, que defina o que ele é para o outro, que diga o que é ser homem ou mulher. Enodado a isso, ou somado a isso, os infortúnios de uma época que tem a imagem no centro da cena, ou que pretende instituir, a partir da imagem, as coordenadas do desejo. Desde onde, então, o sujeito se faz questões transcendentais sobre seu próprio valor, pela via do imaginário do corpo, ao qual, às vezes, fica capturado, e outras vezes, ainda que encaixe no ideal imposto pela época, não encaixa para si, sendo seus próprios ideais avassaladores e tratando o corpo como uma máquina de produzir.

Haveria muito para dizer sobre a perturbação do ser falante pelo corpo.

Desvitalização do corpo e, de alguma maneira, a suspensão da posição desejante, um pouco sob as ideias de que tudo está perdido, ou nada se pode conseguir, não há horizonte, não há visualização de futuro. A falta-a-ser que propicia precisamente a possibilidade do desejo parece estar saturada por algo da ordem do imaginário, que não permite apresentar uma demanda, fazer uma pergunta a partir da qual possa responder como sujeito. Fica-se mais bem localizado em uma espécie de fixação a certa desvitalização, em que a falta não é motor, e, sim, um encontro com um vazio insondável que conduz às ideias de morte, de deixar de existir, desaparecer, de não ser ninguém, nada, não encontrar nenhum valor nem em sua existência, nem em seus objetos, e que remite, então, em alguns casos, a formas do ato.

Faz um tempinho que deixei de falar da criança. Todos os fenômenos que acabo de mencionar não são próprios das crianças, são próprios do sujeito-*parlêtre* que se vê convocado a fazer algo com a dimensão mortificante da sexualidade e da morte. Ou seja, a criança-sujeito-*parlêtre*, toma ato de sua humanidade.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (2011a). Prólogo à “Juventude abandonada” de August Aichhorn. In S. Freud. *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 16, pp. 347-349). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1925)
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)
- Reyes, Y. (2016). *La poética de la infancia*. Bogotá: Luna Libros.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Soler, C. (2006a). El cuerpo en la enseñanza de Jacques Lacan. In C. Soler. *Los ensamblajes del cuerpo*. Medellín: Foro del Campo Lacaniano de Medellín.
- Soler, C. (2006b). *Los ensamblajes del cuerpo*. Medellín: Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín.
- Soler, C. (2020). *Retorno a la “Función de la palabra”*. Ed Hispanohablantes del Campo Lacaniano de la IF.
- Soler, C. (2022). El cuerpo de nuevo en cuestión. In C. Soler. *Urgencia, pandemia y reconquista del Campo Lacaniano*. Colección Un Decir. Medellín: Foro del Campo Lacaniano de Medellín.

Recebido: 01/07/2022

Aprovado: 15/07/2022